





OF
F.

ADRIANOPLA

de PEDRO SAAVEDRA





Co-Produção **OFDT**/*teatromosca*

SINOPSE

No final do século XX, um documentário está a ser realizado sobre uma comuna anarquista algures no interior dos Alpes Suíços. Um grupo de utópicos invadiu uma propriedade rural e decidiu instaurar nela um novo tipo sociedade, baseada na igualdade. Ninguém pode ter propriedade sobre coisa nenhuma, o dinheiro é proibido, a monogamia é abolida e os filhos, lá nascidos, têm paternidade colectiva. A experiência de tentar manter a ordem social e a epopeia do seu líder que não aguenta mais os constantes subornos que lhe são oferecidos e os crescentes conflitos individuais, os quais ele tenta sempre resolver, é o verdadeiro documentário sobre Adrianopla.

PORQUÊ A ADRIANOPLA?

Da história das comunas hippies dos anos sessenta e setenta resta-nos a amargura do projecto falhado: uma utopia anarquista para um mundo diferente. Em Adrianopla, neste projecto ficcional que nos retorna a essa década do século XX, os seus habitantes, juntos sob um projecto comum, como nas comunidades de inspiração Baptista e Quaker dos Estados Unidos da América, ou como no célebre caso recente de “Jungletown”, noticiado pela VICE, mas sobretudo Otto Muehl e o seu Viennese Actionism com os princípios da arte performativa, fluxus, happening e body art na construção de uma sociedade alternativa. Tudo movimentos que trabalham num sonho em conjunto, numa tabula rasa comunal, numa auto-definição de si mesmos, livres de propriedade e de dinheiro. Se ninguém possuir nada, nada será cobiçado. Quem seremos nós se não tivermos sido definidos por outros antes de nós? Este aparente idílico regresso ao Éden original é aquilo que uma equipa documental se incumbete de investigar, sob a liderança de uma realizadora ambiciosa, com um olhar jornalístico, responsável por descobrir o que se passa realmente em Adrianopla: se funciona, e nos oferece um modelo revolucionário para viver as nossas vidas, ou se esconde dúvidas sinistras, insanáveis sobre a condição humana. Esta tensa disposição, entre ela, a sua equipa, e a

comunidade de Adrianopla e o seu líder, enigmático, transgressor, a única ligação de Adrianopla com o mundo exterior e disposto a esconder, negociar e mentir para salvaguardar essa condição, é mediada por uma terceira ameaça, sobrevoando oculta sobre todos: a de uma escavação arqueológica ilegal nos terrenos da comuna, destapando ruínas ligadas aos verdadeiros pilares do início da cristandade. O texto será assim criado sobre esta tripolaridade: A utopia impossível de uma nova sociedade criada artificialmente; o registo arquivista, clínico (ou, pelo contrário, insustentavelmente afectado) de uma equipa de filmagens como a imposição de uma moral editorial sobre os acontecimentos: a versão que oferecem é mais ou menos fiável do que a realidade? Finalmente, as ruínas de um passado civilizacional esquecido. Todos serão forçados a viajar entre esses três espaços/princípios dramaturgicos como num jogo de sombras a que só o público terá total acesso. Assim, Adrianopla é simultaneamente a ágora, o templo e o fórum, onde os pilares da Cidade e do comportamento humano serão expostos para que os espectadores possam edificar o seu próprio sentido por cima, tomando partido, ou não, entre o real pragmático e o sonho necessário.

ESPAÇO DE CENA

MEMÓRIA DESCRITIVA

ÁREA NECESSÁRIA

25 m² de espaço utilizável com área rodeada de 5x5 metros

ELEMENTOS CENOGRÁFICOS

- **Chroma** de 3 metros
- **2 Projectores** com tripé
- **Cadeirão** sumptuoso

Os projectos d' O Fim do Teatro procuram revelar mecanismos e formas, que nos tocam, e que queremos tornar visíveis para o espectador. O teatro tem a magia de uma caixa suspensa, que nos permite apresentar um universo que apela à imaginação e à reflexão, deixando o espectador num mundo à parte, no qual vagueia livremente. A imaginação é o que nos permite pensar, com alguma distância, da realidade. É esse o fim do teatro.

NECESSIDADES TÉCNICAS

Pretendemos uma criação que, na sua génese, parta do esqueleto criativo definido e utilize as características de cada espaço, ampliando e potenciando a experiência do espectador.

No que diz respeito a equipamento de luz, vamos precisar de uma combinação de PAR, PC, recorte e fresnel. A sua colocação terá de ser feita em varas electrificadas e, possivelmente, em bases de chão e/ou torres laterais. Estas necessidades serão trabalhadas no local, de forma a perceber qual a dinâmica e repertório de recursos que melhor funcionará, em função das especificidades do espaço, da dinâmica da peça e da criação dos actores.

Será ainda necessário equipamento de som que permita passar as faixas sonoras que serão criadas para o espectáculo.

Em termos de espaço para os actores, imaginamos um mínimo de 2 camarins colectivos e um máximo de 3, para acomodar massa humana e materiais de produção.

DIGRESSÃO

Número de elementos da equipa: 11

Viaturas: uma carrinha de carga e uma de transporte de passageiros.

FICHA TÉCNICA

TEXTO E ENCENAÇÃO
INTERPRETAÇÃO

Pedro Saavedra
Edmundo Rosa
Henrique Maio Gil
Marta Jardim
Paula Garcia
Rafael Barreto
Wagner Borges

CENOGRAFIA
DESENHO DE LUZ
FIGURINOS
BANDA SONORA
SONOPLASTIA
DESIGN
CURADORIA

Luís Santos
Paulo Sabino
Cláudia Ribeiro
Ramón Galarza
Rui Miguel
Sónia Rodrigues
Mário Caeiro

APOIO TÉCNICO E OPERAÇÃO
PRODUÇÃO EXECUTIVA
APOIO À COMUNICAÇÃO

Diogo Graça
Inês Oliveira
Catarina Lobo

APOIO TÉCNICO
APOIO À COMUNICAÇÃO

Carlos Arroja
Milene Fialho

A DIRECÇÃO DO FIM

Patrícia Roque
Pedro Saavedra
Sónia Rodrigues

ADRIANOPLA
CO-PRODUÇÃO

APOIO

MEDIA PARTNER

7.^a Criação
teatromosca

Dizplay
Largo Residências
Radar 97.8

O FIM DO TEATRO

Criado em 2019, como consequência da apresentação do espectáculo O Fim do Teatro, este colectivo surge da vontade de questionar os fins do teatro. Para que serve? Para onde vai? Como continuar? Ficaram, assim, e desde logo, assentes as bases de uma estrutura, herdeira de contadores de histórias, com interrogações de um mundo pós-dramático e de vários e diferentes questionadores que, encontrados na produção de um texto de teatro, nele se reviram nas suas inquietações e aspirações. A criação do espectáculo como meio de encontrar um fim comum, a diferentes gerações e diferentes estéticas, é o seu objectivo, reproduzido também na segunda e na terceira criação: Os Princípios do Novo Homem (2020), A Morte de Abel Veríssimo (2021), A República Alexandrina (2022), Simão Solis (2022), O Segundo Livro. Adrianopla será a sétima criação de Pedro Saavedra para a OF.DT.

TEATROMOSCA

"(...) um dos mais interessantes, honestos e originais grupos de teatro portugueses.", *in Expresso*

O teatromosca é uma companhia de teatro fundada em Sintra em 1999. Produziu espetáculos com textos de Eric Bogosian, John Berger, Samuel Beckett, Francisco Luís Parreira, Gil Vicente, Gao Xingjian, Sharman Macdonald, Jaime Rocha, entre outros. Coproduziu projetos com o Centro Cultural Olga Cadaval, Theatro Circo de Braga, Casa Conveniente, CAPa, Fundação Cultursintra, Lugar Comum, Festival de Sintra, Théâtre de la Tête Noire, entre outros. Recentemente, produziu a Trilogia Norte-Americana, adaptando três dos mais influentes romances norte-americanos ("Moby-Dick"; "O Som e a Fúria"; "Fahrenheit 451"), o projeto de audiowalks "MODOS DE VER: _ _ _", os espetáculos "Anónimo", de Jorge Palinhos, "O Triunfo das Porcas", a partir de texto de George Orwell, ou "O Deus das Moscas", adaptado do romance de William Golding, com direção artística de Pedro Alves. Desde 2015, tem vindo a colaborar regularmente com a companhia francesa Théâtre de la Tête Noire, dirigida pelo encenador Patrice Douchet, em coproduções e intercâmbios.

É objetivo da companhia garantir colaborações com estruturas artísticas e culturais afins, e outras instituições, de natureza diversa, de implantação local, nacional ou internacional. O teatromosca tem procurado diversificar e consolidar essa rede, envolvendo parceiros e co-produtores em todo o processo de criação dos projetos, através da sua participação em diferentes fases. Ao mesmo tempo que procura servir um circuito nacional e internacional de intercâmbio de projetos, a companhia pretende trazer para Sintra outros projetos e estruturas com quem se tem cruzado, com quem tem colaborado ou com quem tem afinidades artísticas. Desde 2017, é responsável pela gestão e programação do AMAS – Auditório Municipal António Silva, no Cacém, espaço com capacidade para 188 espetadores. Entre outros projetos, a companhia organiza anualmente o MUSCARIUM - festival de artes performativas em Sintra, assegura a tutoria do grupo de teatro Duas Senas em parceria com o Centro de Educação para o Cidadão Deficiente de Mira Sintra, e possui um projeto editorial, a moscaMORTA, que, anualmente, promove a edição de textos dramáticos originais de jovens dramaturgos portugueses ou outros textos relacionados com as artes do espetáculo.

EDMUNDO ROSA

INTERPRETAÇÃO

Edmundo Rosa (43 anos). Formou-se como ator em Lisboa, Amesterdão (studio Act2Act) e Londres (Royal Academy of Dramatic Art summer school). Em cinema, entrou em filmes realizados por Leonel Vieira, João Tuna, João Botelho, Sérgio Graciano e João Maia. Em televisão participou em inúmeras séries e novelas e em teatro foi dirigido por António Feio, Sofia Neuparth, Sara Gonçalves, Adelina Oliveira, João Ricardo, Susana Arrais, Maria Emília Correia, João Lourenço, Miguel Thiré e Pedro Saavedra entre outros.

HENRIQUE MAIO GIL

INTERPRETAÇÃO

Henrique Maio Gil é um jovem actor de 24 anos que apareceu cedo nos palcos. Tendo começado aos 5 anos, o teatro tornou-se o lugar onde se perderia e reencontraria consigo mesmo. Estudou na American School de Madrid, na Escuela TAI, e no Lee Strasberg Institute em Nova York. Licenciou-se em Artes e Humanidades, major em Filosofia e minor em Estudos Clássicos, na Universidade de Lisboa. Desde então, trabalhou em televisão, cinema, teatro contando com mais de 35 participações.

MARTA JARDIM

INTERPRETAÇÃO

Marta Reis Jardim (1995) é criadora e intérprete na área das artes performativas em projetos multidisciplinares, projetos de dança contemporânea, de teatro e de música. Trabalha também como atriz e bailarina para Cinema. Tem desenvolvido trabalho autoral multidisciplinar tomando a dança contemporânea como ponto de partida. Das suas criações destaca TravessiaS que contou com estreia no pequeno auditório CCB Dez20, ALUCINAÇÃO26 co-criação com Alice Duarte, com estreia no Festival Bairro em Festa20 e Travessia_Trajectoria2 criado para o Festival Interferências19.

Como intérprete na área da dança e projetos multidisciplinares destaca ter trabalhado com Madalena Vitorino, Filipa Francisco e Bruno Cochat, Olga Roriz e Jérôme Bel.

Em teatro e cinema trabalhou com Júlia Buisel, Francisco Manso, Rui Simões, Ricardo Cabaça e Fátima Reis.

Licenciou-se em Dança na Escola Superior de Dança (2013-16) e frequentou a formação FOR Companhia Olga Roriz (2016-18). Frequentou um semestre de Erasmus + na TEAK _ Theater School of Helsinki e fez estágios na peça FLOW (2018) da LINGA Compagnie, Lausanne e em Autópsia (2019) da COR. Tem o curso profissional em saxofone 8º grau pela EMCN/EMNA(2005/13).

Actualmente está a criar e a produzir VITAL_Solo à morte de um carregador o seu novo trabalho para palco. Frequenta o Mestrado em Criação Coreográfica e Práticas Profissionais na ESD e as Lições de Teatro com Pedro Gil.

PAULA GARCIA

INTERPRETAÇÃO

Paula Garcia é uma atriz e criadora portuguesa. Em teatro, trabalhou com Rogério de Carvalho, Alexandre Pieroni Calado, Nuno Cardoso, António Augusto Barros, Sílvia Brito, Paulo Lage, Sofia Lobo, Ágata Pinho, Joana Linda, Renata Sancho, Wagner Borges e Tiago Boto, entre outros. É co-criadora de A Parede de Jelinek, com Alexandre Pieroni Calado (CAL, Festival Temps D'Images 2020), co-criadora da performance A arte degenera à medida que se aproxima do teatro, com Alexandre Pieroni Calado (TNSC / MNAC 2017), criadora de Estepe (TEUC 2016/2017), co-criadora de Rewind, com Nuno Fonseca (Teatro Cão Solteiro, Festival Temps D'Images 2016), co-criadora da performance _____, os girassóis esperam por ti todos os dias, com Renata Sancho (MANPOWER'16), co-criadora de Venus <3 Adonis, com André Godinho (CCB, Festival Temps d'Images 2012), co-criadora de Batalha, com Rui Neto e Francisco Salgado (Teatro da Trindade 2005) e criadora de Um Título para Macbeth (Casa Conveniente 2006). Em

cinema e televisão, trabalhou para Alison Murray, Atom Egoyan, Inês Oliveira, Renata Sancho, André Godinho, João Nicolau, Marco Pontecorvo, Patrick Mendes, Mariana Gaivão, Leonardo António, Carlos Conceição, Manuel Pureza, Ivo Ferreira e Simão Cayatte, entre outros. Foi nomeada para o prémio de melhor interpretação feminina no Festival International du Film D'Amiens 2013, pela personagem que interpretou no filme Bobô realizado por Inês Oliveira. Em artes plásticas, trabalhou para Hugo Canoilas (Filme / vídeo instalação Under the Volcano, Museu Nacional de Arte Contemporânea-MNAC / SONAE ARTE CYCLES 2016/2017), Raquel Melgue (voz off, VAALIE # 0265 integrada na exposição colectiva O outro quando (não) estamos a olhar, Biblioteca FCT / UNL (Portugal_África stories - images & narratives) e Vasco Araújo (Maria Helena, Galeria Filomena Soares 2011).

RAFAEL BARRETO

INTERPRETAÇÃO

Nasceu em Lisboa, em 1993. Fundador da companhia Lugar Comum. Professor de dança e bailarino. Em 2011, conclui o Curso Profissional de Artes do Espetáculo, em Interpretação, na Escola Secundária de Gil Vicente. No ano seguinte, frequentou o 1o ano da Licenciatura em Teatro, na Escola Superior de Teatro e Cinema - Ramo Atores. Em teatro, salienta os trabalhos com Teatroesfera, Teatro Do Elétrico, Artistas Unidos, teatromosca, UAU e 'dobrar Núcleo Artístico com a direcção de Ana Lázaro. Como diretor de movimento assina vários projectos, como “Apatia”, “Efeito Berbereta”, “Sem Título” e “Não vais entrar?”. No trabalho desenvolvido com crianças e jovens destaca o trabalho no CAF do Bairro da Cruz Vermelha, no CAF da Escola de S. Vicente e no Conservatório de Música e Artes do Dão, em Santa Comba Dão, onde dirige o curso livre de teatro musical e o projeto MUD'ARTE. No *teatromosca* desenvolve trabalho de interpretação e de mediação cultural.

WAGNER BORGES

INTERPRETAÇÃO

São Paulo, Brasil, 1978.

Bacharelato em Formação de Actores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC – Amadora). Licenciatura em Desenho, variante Ensino, pela Escola Superior de Educação Jean Piaget (Almada). Fez formação profissional em Inglaterra, Grécia, Bósnia, Espanha e Itália.

Profissionalmente fez parte do elenco do Teatro Estúdio de Setúbal | Fontenova - durante quatro anos.

Em Teatro, já trabalhou profissionalmente com vários encenadores, entre eles Francisco Salgado, Jorge Fraga, José Maria Dias, Nuno Pino Custódio, Vladimir Jevtovic, Nuno Cardoso, Rogério de Carvalho, Marta Lapa, Jorge Andrade, Joaquim Benite, Luis Castro, José Wallenstein, Graham Vick, Álvaro Correia, com a dupla Catarina Vieira e Solange Freitas, Carlos Pimenta, João Brites, Isabel Medina, Tiago Vieira, Carlos Pessoa, Dolores de Matos, André Murraças, Calixto Bleito, David Alden, Ana Palma, Maria João Vicente, Rute Rocha e David Pereira Bastos.

Tem feito regularmente trabalhos na televisão, tanto em publicidade como em ficção.

Em 2017 integra o elenco da série "A Família Ventura", emitida pela RTP, com realização de Miguel Guerreiro e produzida pela beActive.

Em cinema trabalhou com Bruno de Almeida, Fernando Burnay Villas-Boas, Cacá Diegues, Elsa Blayau, Manuel Pradal e Fernando Vendrell.

Durante seis anos desenvolveu um projecto de arte-terapia, com o APPACDM de Setúbal.

Em 2013, cria "JBWB-900", em conjunto com João de Brito (eleito como um dos 5 espectáculos do ano, pela revista Rua de Baixo).

Desde 2014, cria em conjunto com Tiago Bôto (TB&WB) os espectáculos «da Inutilidade», «NÃO_CORPO», «TOYBOAT», «DEPOIS DE, cair», «TOYBOAT 2.0», «Once More Unto The Breach», «EX(AM)», «WTF: para um princípio da normalidade, VOLUME I e II», «OFF», «TOUR DE FUCK», «TOUR DE FORCE», »TOUR DE FORCE-FUCK», «MINUTO 20:22» e «#ENSAIO» - na estrutura, agrega também o cargo de Produtor.

Em 2017 dirige "Quando as luzes de apagam", um projecto de Leonor Cabral, inserido no Festival Bairro Intendente em Festa e "Once More Unto the Breach", na Rua das Gaivotas 6.

CONTACTO

PEDRO SAAVEDRA
Direcção Artística

938 458 027

SÓNIA RODRIGUES
Direcção Produção

962 320 684

ofimdoteatro@gmail.com



OF
OF.

ofimdoteatro.com